

O coronavírus e o poder transformador de um novo tempo

Omnia tempus habent: tudo tem seu tempo

A pandemia do coronavírus avança em rápido ritmo mundo afora, em todos os lugares, ao mesmo tempo. Ela é globalizada, múltipla e sistêmica. Também por isso, representa oportunidade única para empreendermos uma profunda reflexão e repensarmos tudo em nós e ao nosso redor.

Devemos nos esforçar, como indivíduos e como sociedade, para superar tudo o que experimentamos até aqui em termos de *modus vivendi* e *modus operandi*. Uma nova disrupção, generalizada e integrada nasce, trazida por um vírus que se abateu sobre o mundo e está levando todos, sem exceção, a reverem seus conceitos – e preconceitos. Vivemos um completo fraturamento e mutação no *zeitgeist*, quase em tempo real, sem precedentes.

Percebemos, neste momento, diante desta crise profunda, em todos os lugares e de forma instantânea, que vidas humanas importam mais do que dinheiro, do que a bolsa de valores, as relações de empregado e empregador, o comércio e o consumo. Repensar e rever prioridades tornaram-se, literalmente, questão de sobrevivência diante deste fenômeno tão grave, tão urgente e tão novo para a imensa maioria da humanidade.

No mundo atual, hiperconectado, não nos basta acessar e distribuir múltiplas informações sobre a pandemia e seu poder letal. Desde já é preciso fazer resgatar, com vigor e determinação, o sentimento de alteridade para superarmos a indiferença e sentir, em nosso coração, a dor dos outros, sendo solidários uns para com os outros, assumindo nossa responsabilidade coletiva e, sobretudo, o amor ao próximo, atitude que é centralidade da nossa natureza humana.

Em fala recente, após o caos pelo coronavírus, o presidente francês, Emmanuel Macron, neoliberal vindo do mundo das finanças (fato que amplifica seu depoimento), trouxe-nos apontamentos sobre o atual e singular momento de transformações. Disse ele: “Caros compatriotas, precisamos amanhã tirar lições do momento que atravessamos, questionar o modelo de desenvolvimento que nosso mundo escolheu há décadas e que mostra suas falhas à luz do dia, questionar as fraquezas de nossas democracias. O que revela esta pandemia é que a saúde gratuita, sem condições de renda, de história pessoal ou profissão, e nosso Estado de Bem-Estar Social não são custos ou encargos mas bens preciosos, vantagens indispensáveis quando o destino bate à porta. O que esta pandemia revela é que existem bens e serviços que devem ficar fora das leis do mercado”. A mensagem vinda da França é clara: *omnia tempus habent*.

A visão de Macron nos mostra que uma economia de mercado que tudo mercantiliza, bem como sua expressão política, o neoliberalismo, são estratégias perigosas para a sociedade e para a viabilidade do futuro da vida. Nessa esteira o coronavírus poderá tornar-se o perfeito desastre para o modelo atual de desenvolvimento, dado que a pandemia parece ter sido a causadora do

colapso do mercado das bolsas de valores, coração do sistema especulativo, cujo modelo somente sobrevive ao violar a lei mais universal do cosmos: a interdependência de todos os seres. Afinal, não existe nenhum ser, muito menos nós humanos, que possa viver como uma ilha, desconectado da grande obra da criação. Somos todos parte da natureza, pertencemos à Terra e a ela retornaremos, para que nossos átomos possam, um dia, novamente voltar às estrelas.

Preconceitos, racismos e trincheiras ideológicas

Diante do cenário galopante da contaminação do vírus, poderíamos nos perguntar: se a pandemia só nos leva a pensar na catástrofe, a que distância estaríamos de um pensamento apocalíptico? O que nos resta pensar, sentir e fazer, quando tudo parece demonstrar o sinal de um fim iminente e inescapável? Poderia o cenário atual da pandemia abrigar ou fortalecer sentimentos de racismo e separatividade? Poderia promover o abalo ou rompimento da geopolítica global ou da hegemonia de países ou blocos ideológicos e econômicos?

Efetivamente, a realidade do coronavírus, que cresce de forma exponencial, teria deflagrado uma outra epidemia ideológica e paralela, talvez, bem mais perigosa. Sim, essa pode ser uma verdade, pois a situação epidemiológica terminou por desencadear uma onda racista e paranoica dirigida contra orientais, imigrantes e pessoas doentes. A história registra vários momentos que dialogam com o atual. Recorramos à história. Em setembro de 1923, por exemplo, o grande terremoto de Kanto devastou grande parte de Tóquio. À época houve rumores, frequentemente repetidos nos principais meios de comunicação, que acusavam os coreanos de planejar uma rebelião violenta para aproveitar o desastre. Justiceiros japoneses, armados com espadas, lanças de bambu e até armas de fogo, dirigiram-se contra todos que eram ou pareciam ser coreanos. Cerca de 6.000 pessoas foram assassinadas.

Esse não foi um fenômeno exclusivamente japonês. Recentemente, quando os hindus começaram a matar muçulmanos em Délhi, a polícia indiana foi tão passiva – ou culpada – quanto. Não é necessário voltar muito na história da Europa ou da América para encontrar casos semelhantes, ou até piores, de linchamentos e assassinatos em massa ocasionados por comportamentos de ódio e xenofobia. O pânico atual do novo coronavírus pode ter consequências semelhantes? Felizmente, até agora não houve massacres, mas o comportamento de alguns políticos tem sido, quando menos, perturbador. Na Itália, Matteo Salvini, o líder da oposição de extrema direita, disse que os imigrantes são uma ameaça ao país porque podem portar o vírus e criticou o governo por resgatar vários refugiados africanos. Os nacionalistas de direita na Grécia estão pedindo campos de concentração para os refugiados, para proteger a população da infecção. Além disso, temos o presidente Donald Trump. Sua principal preocupação é que o pânico sobre a Covid-19 prejudique as bolsas de valores. A primeira coisa que fez, então, foi acusar seus oponentes de “politizar” a pandemia. Claramente, não é a melhor maneira de manter o público adequadamente informado; e oferece uma sólida base para as teorias da conspiração. O filho de Trump, Donald Jr., foi ainda

mais longe e declarou que os democratas esperam que a doença mate milhões de pessoas, apenas para arruinar seu pai. Tom Cotton, um senador republicano americano do Arkansas, reiterou especulações desacreditadas de que os chineses fabricaram a Covid-19 como uma arma biológica.

Também por essa razão, é errado pensar que aqueles que matam em nome de ideologias políticas, raciais ou religiosas são simplesmente loucos solitários. Personagens como Anders Breivik – que matou 77 pessoas na Noruega em 2011 como parte de sua “guerra para salvar o Ocidente de marxistas, multiculturalistas e muçulmanos” – estão, ainda que sozinhos, agrupados em ideias e trincheiras ideológicas sectárias. O mesmo vale para extremistas muçulmanos que pedem guerra santa contra os infiéis perversos, ou políticos que afirmam que os refugiados carregam doenças terríveis que ameaçam seus países.

O tempo em que a Terra parou

Apesar desse cenário, as reações sociais e políticas de preconceito, de pânico e raiva poderiam provocar, inadvertidamente, consequências positivas. Como isso é possível? Basta olharmos as notícias sobre cidades na China ou na Europa ou mesmo em São Paulo. Cidades que nunca param podem parar? A resposta do coronavírus é sim. Agora desertificadas, sem pessoas nas ruas e nos comércios, centenas de metrópoles e megalópoles estão parando e estão colocando em prática uma utopia outrora pensada por aqueles que queriam “parar o mundo” ou parar o sistema-mundo. Mas o que fazer agora diante desta realidade em que o “mundo parou”? Como avançar se não sabemos fazer outra coisa senão aquilo de que tanto reclamamos em nosso cotidiano? Poderá a quarentena nos fazer enxergar outros modos de viver e experimentar a vida? Poderá o isolamento nos unir em solidariedade local e global?

Nossa civilização experimenta uma quarentena – que poderá ser fixada em meses de isolamento – que pode vir a ser libertária, talvez. Uma quarentena não do nosso trabalho ou do nosso cotidiano, mas uma quarentena que nos mova para além das amarras do senso comum, para além da aparente imutabilidade do nosso sistema. E se assim o for, o coronavírus pode ser, na verdade, o instrumento de libertação da humanidade, capaz de retirar o pensamento do “*modus operandi* automático”, possibilitando superarmos as sufocantes limitações do mundo que criamos com nossos pensamentos, desejos, visões e práticas.

Diferentemente de outras pandemias que assolaram o planeta no passado, desta vez o mundo globalizado tem uma pandemia globalizada, que se multiplica quase que na mesma velocidade das conexões virtuais. Parece que a pandemia segue o ritmo e o fluxo do momento do mundo. Queremos e gostamos de tudo “*on-line*”, “*just in time*”, e a pandemia está nesse mesmo fluxo, parece. A pandemia é unissex e totalmente inclusiva, democrática. Nunca, em tempo algum, vivemos uma situação que afetasse todas as nações, tão rapidamente, ao mesmo tempo.

O quadro atual nos levará, muito rapidamente, a um tipo de união e pensamento coletivo que transcende ideologias políticas e trincheiras de pensamento. Em muito breve tempo, já teremos transcendido os conceitos trazidos pela economia, que, na verdade, nos fez mais individualistas do que nunca. O pensar coletivo ganhará, desde já, novos contornos genuinamente mais generosos, mais humanos e mais inclusivos. Estamos, desde o surgimento da pandemia, construindo um novo paradigma que se fará presente pós-Covid-19. Veremos o crescimento de valores humanos como amor, empatia, carinho, solidariedade, voluntariado, esperança, entre outros. Esse é um tempo de saudades. Sinto saudade de todos aqueles que participam da minha vida, dos meus sonhos, dos meus esforços e penso que você também possa sentir essa mesma saudade.

O mundo em crise multifacetada nos fará redescobrir nossa humanidade, com atitudes que pensam o coletivo, e não em interesses individuais. Este novo cenário de *zeitgeist* global aos poucos tomará conta das pessoas, dos governos e das empresas. Muitas pessoas estão buscando entender o momento, mudar de atitude, ajudar e contribuir, talvez como nunca antes em nossa história. Vejamos alguns exemplos: voluntários estão aparecendo em grandes cidades para ajudar as vítimas; universidades e escolas estão disponibilizando cursos *on-line* gratuitos; canais e operadoras de telefonia abrindo sinais gratuitamente; bancos ampliando prazos para dívidas, entre outras ações. Será que o mundo vai ser mais solidário pós-coronavírus? Penso que sim. E isso pode ser uma pequena ponta no *iceberg* da revolução do altruísmo, apontada pelo monge budista Matthieu Ricard. Muito mais virá a partir disso, creio.

Muitas pessoas culpam a epidemia globalizada, sem pensar que a globalização foi um desejo da nossa civilização ou, no mínimo, uma aceitação passiva. Outros, advogam que a única maneira de evitar pandemias desse tipo seria “desglobalizar” o mundo. Mas isso é possível? Será que os que pregam a desglobalização querem mesmo voltar ao mundo anterior a ela? Ou será que essas pessoas são como aquelas que dizem ser contra o modelo de desenvolvimento mas adoram iPhone e praticam o ativismo de sofá nas redes sociais? É bom lembrar que o mundo pre-globalização não tinha internet nem inteligência artificial.

É importante pensarmos que, embora a quarentena de curto prazo seja essencial para interromper ou tentar diminuir a velocidade de expansão da pandemia, o isolacionismo de longo prazo poderá, entre outras consequências, ampliar o colapso econômico sem oferecer nenhuma proteção real para esse tema. Daí perceberemos que o verdadeiro antídoto para a pandemia do coronavírus não será a segregação, mas, sim, a cooperação.

Grandes epidemias já mataram milhões de pessoas em todo o mundo, desde muito antes da era atual da globalização. Atualmente, a informação em tempo real pode mudar tudo, instantaneamente. Ela pode tornar o vírus mais forte, como uma ferramenta de temor, medo e pânico. No entanto, ao mesmo tempo, ela pode diminuir a velocidade de difusão da pandemia, com informações. Vivemos a era da velocidade mesclada à era do vazio ou do esvaziamento de significados, como diriam Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman.

Pandemias, economias e o voo do dragão

Historicamente vemos como a informação em tempo real, a ciência e o conhecimento humano evoluíram. Um bom exemplo está no fato de que a civilização medieval nunca descobriu o que causou a peste negra. Na atual pandemia, porém, os cientistas levaram apenas duas semanas para identificar o novo coronavírus, sequenciar seu genoma e desenvolver um teste confiável para identificar pessoas infectadas. A varíola é considerada uma das primeiras doenças conhecidas pela humanidade, e sua presença em humanos acontece há cerca de 12 mil anos. A varíola ficou ainda mais perigosa com a urbanização: no século 18, ela matou 400 mil europeus; no século 20, de 300 a 500 milhões no mundo todo. Em 1967, a varíola ainda infectou 15 milhões de pessoas e matou 2 milhões delas. Mas, na década seguinte, uma campanha global de vacinação contra a varíola foi tão bem-sucedida, que, em 1979, pouco mais de uma década depois, a Organização Mundial da Saúde declarou que a humanidade havia vencido e que a varíola havia sido completamente erradicada.

Será, diante dos fatos que hoje vemos e vivenciamos, que nos protegeremos apenas fechando as fronteiras de nossas cidades, de nossos estados e países? Penso que não, porque as epidemias se espalharam rapidamente, mesmo na Idade Média, muito antes da era da globalização, dos aviões ou dos transportes coletivos. A história humana indica que a proteção real vem do compartilhamento de informações confiáveis e da solidariedade global que possa contrapor-se à pandemia global. Hoje, a China, país que nos legou grandes conhecimentos, como a medicina tradicional chinesa, pode nos ensinar lições importantes sobre o coronavírus e sua evolução. A experiência da China nos mostra que a mutação do vírus ocorre mais lentamente do que seus similares identificados em 2002 em seu território, quando ficaram conhecidos como vírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars). Naquela ocasião, contudo, apenas 38% da população chinesa viviam em cidades, e atualmente esse percentual passou de 60%.

Portanto, não é inteligente ou útil culpar a China ou quem quer que seja, neste momento. Até porque a China é o grande motor do desenvolvimento econômico que nossa civilização ajudou a construir e da qual depende grande parte da economia global, inclusive o Brasil. A China é um grande motor que sofreu abalos com o coronavírus: houve um declínio de 150 milhões de toneladas nas emissões de carbono chinesas entre 3 e 23 de fevereiro de 2020, em comparação com o mesmo período do ano passado.

De fato, parece-nos que a Ásia controla melhor a epidemia do que a Europa. Em Hong Kong, Taiwan e Singapura, há poucos infectados. Em Taiwan foram registrados 108 casos e 193 em Hong Kong. A Coreia do Sul já superou a pior fase, da mesma forma como o Japão. A China, o país de origem da pandemia, já está com ela bem controlada. Importante destacar que Taiwan e a Coreia não decretaram a proibição de sair de casa, e as lojas e restaurantes não fecharam. É interessante pensar que, para enfrentar o vírus, os asiáticos apostam fortemente na vigilância digital e colocam força na *big data* como enorme potencial para se defender da pandemia. Não seria exagero dizer que na Ásia as epidemias não são combatidas somente pelos virologistas e epidemiologistas, mas

também com a contribuição dos especialistas em informática e macrodados. Uma mudança de paradigma que a Europa e o continente Americano ainda não alcançaram. O *big data* salva vidas humanas. Esse é o mundo digital do século XXI, que usa mais a tecnologia para combater o vírus do que o fechamento de fronteiras que está sendo feito nesse momento na Europa e no continente americano. Em Wuhan, por exemplo, foram formadas milhares de equipes de pesquisa digitais que procuram possíveis infectados baseando-se somente em dados técnicos, tendo como base, especialmente, análises de macrodados que averiguam os que são potenciais infectados, os que precisam continuar sendo observados e eventualmente isolados em quarentena. Isso mostra com clareza que o futuro também está na digitalização no que se refere à pandemia. O coronavírus pode, quem sabe, cooperar para fazer redefinir até o sentido de soberania, pois, ao investigarmos o futuro, veremos que é soberano quem dispõe de dados. Assim, quando a Europa, os EUA e o Brasil proclamam o estado de alarme e fecham suas fronteiras, parece, de fato, que a Ásia já está no futuro e, nós, infelizmente, continuamos atados a velhos modelos de soberania.

A vigilância digital é profundamente utilizada para conter a epidemia, não somente na China, como também em outros países asiáticos. Em Taiwan, o Estado envia para todos, ao mesmo tempo, um SMS visando localizar as pessoas que tiveram contato com infectados e para informar sobre os lugares e edifícios em que existiram pessoas contaminadas. Já em uma fase muito inicial, Taiwan utilizou uma conexão de diversos dados para localizar possíveis infectados em razão das viagens que fizeram. Já na Coreia, quem se aproxima de um edifício em que um infectado esteve recebe, através do “Corona-app”, um sinal de alerta. Eles controlam tudo; e todos os lugares em que infectados estiveram estão registrados no aplicativo. Neste contexto, claro, não são levadas muito em consideração a proteção de dados e a esfera privada. Em todos os edifícios da Coreia foram instaladas câmeras de vigilância em cada andar, em cada escritório e em cada loja. É praticamente impossível se mover em espaços públicos sem ser filmado por uma câmera de vídeo. Com os dados do telefone celular e do material filmado por vídeo, é possível criar o perfil de movimento completo de um infectado. Esse é um cenário do futuro próximo para nós? Por óbvio, é preciso avaliar, com profundidade, qual modelo queremos e aplicaremos no futuro próximo aqui no Brasil, com nossas miríades de múltiplas realidades: alguns cenários que nos colocam ainda no século 19 (em algumas regiões); e outros, com mais recursos, tentando sair do século 20 para o 21. Entretanto, no mundo da revolução digital do século 21, ainda poucos casos isolados prosperam no país. É preciso planejar, fortemente, em longo prazo.

Como modelo de planejamento de longo prazo, quero tomar novamente como exemplo a China, que fez essa grande transformação, ainda que à custa de milhares de vidas ceifadas pelo regime comunista da época. Em 1958, Mao Tsé-Tung, o líder da República Popular da China, lançou o “Grande Salto Adiante”, campanha que teve o objetivo de transformar rapidamente o país de uma economia agrária em uma sociedade socialista. Hoje, 62 anos após o lançamento do Grande Salto Adiante, a China está prestes a tornar-se a maior economia do mundo. A China empenhou todos os seus esforços em fazer avançar seu plano de crescimento. Em 2002, o PIB chinês era de 1,4 trilhão de dólares e representava pouco mais de 4% do volume da economia mundial. Em 2019 o país registrou PIB de 14 trilhões, e sua participação na economia mundial saltou para 18,7%.

Diante desses fatos, dizer que Wuhan é a culpada pelo surgimento e proliferação da “Quimera” é, no mínimo, um erro tolo que compromete a balança comercial de países. O surgimento do vírus em Wuhan não foi uma “coincidência”, tampouco seria uma “revolta de Gaia”, como dizem alguns. Penso que em verdade o coronavírus tenha mais a ver com geopolítica, economia global e bioterrorismo do que com “pessoas que se alimentam de animais em um mercado de animais exóticos”. E essa é uma verdade inconveniente para o pequeníssimo e seletivo grupo de pessoas que orquestram o destino de bilhões de pessoas no mundo.

A encruzilhada de Megas da nossa civilização

A atual crise global provocará profundas transformações na crescente visão nacionalista, porque faz valer os méritos da coordenação interestatal, da articulação intercontinental, da importância vital das organizações internacionais na resposta a um vírus que não escolhe nações nem ideologias. Essa é a demonstração cabal de que nunca, como agora, o discurso político moderado, fundamentado na verdade e institucionalmente mobilizador, faz toda a diferença entre superarmos coletivamente a maior crise das nossas vidas ou cairmos todos em um universo plural de incertezas.

Certo é que xenofobia, desconfiança, medo e isolacionismo não resolverão nem esta nem outras pandemias. Sem confiança e solidariedade global, não seremos capazes de parar a pandemia de coronavírus. Neste tempo de policrises, a maior de todas as nossas lutas, sendo nossa encruzilhada civilizacional, tal qual a encruzilhada de Megas para Édipo, ocorre dentro da própria humanidade. Caso a pandemia do coronavírus resulte em maior desunião e desconfiança entre os seres humanos, será a derrota para nós mesmos. Por outro lado, se a pandemia resultar em uma cooperação global e união de esforços, será uma vitória não apenas contra o coronavírus, mas contra todos os patógenos que insistem em contaminar nossa mente e nos imobilizar na jornada rumo a um mundo próspero e solidário.

É importante que não nos esqueçamos de que, além da terrível pandemia do coronavírus, o planeta ainda convive com situações inaceitáveis, como, por exemplo, a fome, uma “pandemia vergonhosa”. O relatório da FAO 2018 demonstra que uma a cada nove pessoas no planeta foi vítima da fome nos últimos anos e mais de 820 milhões de pessoas no planeta foram afetadas pela fome naquele mesmo ano. No Brasil, em 2019, mais de 6 mil pessoas morreram por complicações decorrentes de desnutrição.

A FAO estima ser possível eliminar a fome no mundo até 2030 com investimento de 239 bilhões de euros por ano. O brasileiro, José Graziano da Silva, diretor-geral da FAO, disse que “em 2030 teremos mais de 650 milhões de pessoas sofrendo com a fome”, ao apresentar, em Roma, o relatório do Programa Alimentar Mundial e do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola. O relatório estima que a eliminação da fome crônica “vai precisar de investimento total

de cerca de US\$ 267 bilhões (cerca de 239 bilhões de euros) por ano, durante os próximos 15 anos, ou seja: US\$ 160 (143 euros) por ano e por pessoa que vive em situação de pobreza. "Dado que isso é mais ou menos o equivalente a 0,3% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, penso que o preço a pagar para erradicar a fome crônica é relativamente baixo", relatou o diretor da FAO.

Bem, agora a surpresa: em 2019 os países do mundo gastaram US\$ 1,73 trilhão de dólares com armamentos! Ou seja, 4 vezes o valor anual para acabar com a fome no mundo! É preciso mesmo repensarmos nossas escolhas como civilização.

Essa realidade, contudo, não motiva medidas de emergência porque não alcança os palácios. Esse cenário dantesco não nos mobiliza enquanto sociedade, enquanto civilização, o que é uma vergonha do ponto de vista do nosso sentido de humanidade. E por que é assim? Porque a fome não é um vírus, é uma política – aquela que estoca, que lucra, que manipula, que controla e que faz disso uma moeda de troca por votos e micropoderes.

O coronavírus, agora chamado de Covid 19, não é apenas um problema de saúde global. Ele é, mais que isso: pela primeira vez na história humana, temos uma pandemia com múltiplas interfaces e conexões de natureza econômica, ecológica e social. Tais cenários e características fazem do coronavírus um problema sistêmico sem precedentes na história humana.

A pandemia do coronavírus está gerando uma crise que está abalando os mercados globais e pode causar mais de US\$ 1 trilhão em danos econômicos. Segundo o FMI e a OCDE, a pandemia contribuiu para frear grande parte da economia global, gerando menos crescimento e diminuindo a produção, o comércio, o consumo, o turismo e o transporte, e mesmo a queda das bolsas. As fábricas e negócios fecharão, e milhões de pessoas ficarão desempregadas? Como serão as relações de produção, geração de riqueza e trabalho? Muito pouco se sabe sobre esses futuros próximos incertos, com complexas consequências sistêmicas que são uma incógnita; mas tudo aponta para a possibilidade de uma próxima e severa recessão econômica global, em especial, para países como o nosso Brasil, que, apesar de promissor e potencial, tem afugentado recursos e pessoas.

Corremos o risco de nos esquecermos de outras crises, como a crise ecológica em que vivemos, igualmente a mais profunda na história da humanidade e que põe em perigo a vida no planeta e a própria existência da nossa civilização (sobretudo nos moldes atuais). O coronavírus está longe de ser o único responsável por quedas nas bolsas de valores, como se costuma dizer, assim como pela economia capitalista desacelerada, com os lucros das empresas e do investimento industrial estagnados; mas é a centelha de uma crise econômica que vinha sendo anunciada por muitos, em tempo muito anterior à pandemia. Como apontaram diversos economistas e especialistas, embora os mercados de ações sejam imprevisíveis, todos os fatores de uma nova crise financeira estão presentes desde ao menos 2017. O coronavírus seria apenas a centelha de uma explosão financeira, mas não a sua principal causa. Isso é muito grave, sobretudo, para a grande massa da humanidade que sempre esteve alheia às fortunas financeiras e rentistas mundo afora e refém de gigantes acionistas de fundos de investimento, como BlackRock e Vanguard, de grandes bancos, de empresas industriais e de bilionários. Também por isso, é necessário não nos enganarmos com

as informações incompletas de relatos midiáticos comprometidos, em gênero, número e grau, com o *status quo* hegemônico que tenta, a toda forma, ocultar uma crise sistêmica e anterior ao próprio coronavírus.

Importante dizer que do ponto de vista ecológico, estreitamente conectado à economia, a desaceleração econômica reduziu e reduzirá, durante algum tempo, o consumo de combustíveis fósseis, a emissão de CO₂ e a poluição do ar. O impacto da epidemia de coronavírus pode parecer paradoxal, uma vez que seus evidentes efeitos negativos sobre a saúde, a sociedade e a economia, em curto prazo, também são benéficos para a crise climática e ecológica, e, quiçá, também para a saúde, em médio prazo. Esse aparente paradoxo fica um pouco mais claro quando percebemos que a lógica do crescimento exponencial e desmedido (*vade mecum* para muitos desenvolvimentistas) tem resultado em graves cenários para o equilíbrio dos sistemas de vida no planeta, afetando profundamente a homeostase desses sistemas.

O mundo unimultipolar, geopolítica e crises

Quero retomar uma reflexão sobre o caráter geopolítico ou sobre o modo como as corporações se apropriam da pandemia do coronavírus (ou do que ela causa na economia) para forjar e manipular grandes rearranjos financeiros para “salvar” empresas e corporações, injetando recursos, muitas vezes públicos ou privados, que, de outro modo, jamais poderiam acessar. Nesse ponto, o alarde da pandemia tem um fim específico, bastando imaginar o montante de recursos que serão destinados às indústrias farmacêuticas e aos laboratórios privados – mesmo que pesquisas para produção de vacinas ou prescrição de tratamentos sejam feitas em boa medida por instituições públicas. Entretanto, os recursos também serão destinados para os bancos, para as companhias aéreas e outros setores “afetados” pela crise do vírus.

É evidente que há uma estrutura geopolítica que se rearranja com a queda na taxa de lucro geral e se estende a outros ramos da economia, a exemplo das fontes energéticas, do capital rentista e do mercado cambial. Essa geopolítica se retroalimenta de ativos públicos e deixa países e estados subnacionais ainda mais reféns das tramas de grandes corporações transnacionais. A justificativa para os repasses estará nas mentes, no ar que respiramos e no pânico “causado” pela pandemia. Até aí, nenhuma novidade, pois, se o vírus da hipocrisia revela o sentido dos governos, o vírus da geopolítica revela a perversidade do atual sistema.

O momento vivenciado por todos nós, pobres ou ricos, negros ou brancos, mineiros ou senegaleses, escoceses ou peruanos, é único em nossa epopeia humana. Nunca percebemos o Apocalipse tão de perto, com tamanha impotência de todos nós. Mas o Apocalipse sempre foi e é onipresente nas sociedades humanas, e de muitas formas. Talvez tenha sido assim com a peste negra, provocada por uma bactéria, uma das mais devastadoras pandemias na história humana, que resultou na morte de 75 a 200 milhões de pessoas na Eurásia, tendo vitimado pelo menos um

terço da população em geral, entre os anos de 1346 e 1353. A gripe espanhola, entre 1918 e 1920, contaminou mais de 500 milhões de pessoas (ou quase 27% da população mundial na época) e fez entre 17 e 50 milhões de vítimas pelo mundo, matando até 20% dos infectados, tendo aniquilado 6% da população mundial. Para muitos dos habitantes da América pré-colombiana, embora não os exterminassem completamente, os vírus provocavam uma espécie de fim do mundo. Fato é que na colonização da América os principais soldados foram os vírus e não as espadas dos bandeirantes ou dos desbravadores.

Hoje, a humanidade enfrenta sua mais sistêmica e profunda crise, não apenas devido ao coronavírus, mas também devido à falta de confiança entre os seres humanos. É preciso confiar nas pessoas, se quisermos derrotar a pandemia. É preciso confiar nos especialistas científicos, nos gestores públicos e uns nos outros. Nos últimos tempos, infelizmente, políticos irresponsáveis têm buscado construir uma imagem de desconfiança sobre a ciência, nas instituições e de pessoas para pessoas. Tal estratégia equivocada e sombria nos legou o cenário atual do mundo: não temos líderes globais, sequer locais que possam fazer inspirar as pessoas em direção a objetivos em comum; muito menos líderes que possam efetivamente organizar alternativas e respostas para os dilemas que se apresentam. Pior ainda, a pandemia do coronavírus poderá alterar por completo o quadro político e oficializar o fim de uma era geopolítica. De unipolar passamos para a era unimultipolar, ou seja, um novo momento na geopolítica e nas relações internacionais, dentro da Nova Ordem Mundial. “Uni” no sentido militar, pois os Estados Unidos é líder incontestável (até então). “Multi” em razão das diversas crescentes econômicas de novos polos de poder, sobretudo a China, a Rússia, a União Europeia, o Japão, etc. Eis que agora a atualidade planetária talvez esteja entrando numa ordem apolar, sem qualquer liderança evidente. É algo muito novo, impensado.

Ordo Ab Chao

Convém, neste tempo, recordar a visão de antigas civilizações sobre tempos de grandes transformações. Para os hindus, nossa civilização atravessa um período crítico, a idade do ferro, ou Kali Yuga, uma era de disputas e hipocrisia que também é a última antes que algum tipo de cataclismo purifique o planeta. A mitologia nórdica, por sua vez, narra a história do Ragnarok, a última batalha entre os deuses e seus inimigos. Segundo essa mitologia, o futuro reservava para a humanidade uma terrível era em que armas seriam empunhadas e destruídas, pais lutariam contra filhos, irmãos praticariam incestos, e mães abandonariam maridos para seduzir os próprios filhos. Na superfície do planeta, o mar sairia de seu leito, a terra tremeria, e homens morreriam em grande número. Entre os incas, havia a tradicional história do lavrador que, ao perguntar para sua lhama por que ela estava tão triste, foi aconselhado por ela a buscar com sua família os picos das montanhas mais elevadas, pois um grande dilúvio aproximava-se. O mito do dilúvio universal é um dos mais antigos, anterior ao da Arca de Noé do Antigo Testamento. Ele já aparece, por exemplo,

na epopeia da origem suméria "Gilgamesh", considerada a narrativa escrita mais antiga da História.

Em todas essas histórias, sempre surgiu um líder puro e sábio que tinha o papel de recomeçar a obra divina após as inundações. Será que estamos prestes a vê-lo? Será que a pandemia, causadora de tamanho sofrimento e dor em bilhões de pessoas, poderia ser a centelha de um novo tempo, dado que a causa secreta de todo sofrimento é a própria mortalidade, condição inescapável para a jornada da vida?

Do lema maior, *Ordo Ab Chao*, uma luz surgirá, sempre. E o novo tempo que há de nascer poderá ser a base de uma convivência humana que seja fundada sobre a fraternidade e o propósito e não mais sobre a disputa e a conquista. O que antevejo é que isso se dará sob o predomínio da vontade de Deus e não sob o predomínio da vontade do homem: *spes messis in semine* (a esperança da colheita reside na semente).

A trajetória do ser humano implica, necessariamente, a busca pelo sentido de sua vida. Afinal, enquanto seres finitos, fazemos do infinito a condição de possibilidade do existente; e, enquanto mortais, aspiramos à imortalidade. Possuímos essa dimensão que nos conduz à capacidade de promover aberturas, de transpor dilemas, de superar interditos, de retornar aos céus e de ir para além de todos os limites que nos são impostos. A isso chamamos transcendência, matriz essencial daquilo que nos torna seres humanos.

Brasília, 21 de Março de 2020.

Luiz Oliveira
Filósofo, fundador e Presidente do Instituto Espinhaço